

(RE)EXISTÊNCIAS LITERÁRIAS: UMA

COMPOSIÇÃO PARA PENSAR AS INFÂNCIAS MIGRANTES

Correspondência: Betina Hillesheim,
betinahillesheim@gmail.com

Fomento: FAPERGS
(editoral 05/2019 –
Programa Pesquisador
Gaúcho) e Coordenação
de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível
Superior (CAPES).

Como citar:
Hillesheim, B., Couto,
C., & Dhein, G.
(2023).
(Re)Existências
literárias: uma
composição para
pensar infâncias
migrantes. *Arquivos
Brasileiros de
Psicologia*, 75, e009.
<https://doi.org/10.36482/arbp.v75i1.19743>

Betina Hillesheim¹ (Orcid: 0000-0001-9486-5459 |

<http://lattes.cnpq.br/4039336747587963>)

Caroline Couto² (Orcid: 0000-0001-7102-0568 |

<http://lattes.cnpq.br/8800313485056928>)

Gisele Dhein³ (Orcid: 0000-0002-9379-6479 |

<http://lattes.cnpq.br/9630414709702192>)

¹ Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil.

² Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil.

³ Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, RS, Brasil.



RESUMO

Neste artigo abordamos as relações entre a literatura, as migrações, as situações de refúgio e as infâncias enquanto acontecimentos. Acontecimentos tais como aqueles descritos pelo filósofo Gilles Deleuze: que inscrevem a infância como alteridade, que escapam das explicações absolutas dos estados das coisas, e que se agitam em linguagem, de forma em que as circunstâncias do seu aparecimento e dos seus efeitos se confundem, preenchem e abrem vazios, desvios e intensidades. Assim, tomamos a literatura como produção ética e estética que dá presença às infâncias migrantes, ao colocá-las em linguagem, operando na tessitura de outros modos de existência, resistência e (re)existência possíveis nesse encontro entre literatura, migrações, situações de refúgio e infâncias. Infâncias migrantes encontradas em fragmentos literários e em notícias fragmentadas, uma composição para pensar a vida – no limite do suportável e do pensável.

PALAVRAS-CHAVE:

Migrações; Refúgio; Infâncias; Literatura.

LITERARY (RE-)EXISTENCES: A COMPOSITION TO THINK MIGRANT CHILDHOODS

ABSTRACT

In this article, we discuss the relations between literature, migrations, refuge situations and childhoods as events. Events such as those described by the philosopher Gilles Deleuze: those that inscribe childhood as otherness, that escape from absolute explanations of the state of things and stir in language, thus entangling the circumstances of its apparition with those of its effects, filling and opening voids, detours and intensities. Along these lines, we have taken literature as an ethical and aesthetic production that gives presence to migrant childhoods by putting them into language, operating in the fabric of other modes of existence, resistance and (re)-existence made possible in the encounter between literature, migrations, refuge situations and childhoods. Migrant childhoods found in literary fragments and in fragmented news, a composition to think life – in the limit of the bearable and the thinkable.

KEYWORDS:

Migrations; Refuge; Childhoods; Literature.

(RE)EXISTENCIAS LITERARIAS: UNA COMPOSICIÓN PARA PENSAR EN LAS INFANCIAS MIGRANTES

RESUMEN

En este artículo enfocaremos las relaciones entre la literatura, las migraciones, las situaciones de refugio y las infancias como sucesos. Sucesos tales como aquellos descritos por el filósofo Gilles Deleuze: que inscriben la infancia como alteridad, que escapan de las explicaciones absolutas de los estados de las cosas, y que agitan en lenguaje, de forma en que circunstancias de su aparecimiento y de sus efectos se confunden, llenan y abren vacíos, desvíos e intensidades. Por lo tanto, tomamos la literatura como producción ética y estética que da presencia a las infancias migrantes, al ponerlas en lenguaje, operando en la tessitura de otros modos de existencia, resistencia y (re)existencia posibles en ese encuentro entre literatura, migraciones, situaciones de refugio e infancias. Infâncias migrantes encontradas en fragmentos literarios y en noticias fragmentadas, una composición para pensar la vida – en el límite de lo soportable y de lo pensable.

PALABRAS CLAVE:

Migraciones; Refugio; Infancias; Literatura.

Informações do Artigo:
Recebido em: 09/01/2020
Aceito em: 16/11/2022

(Re)Existências literárias: uma composição para pensar as infâncias

migrantes

Este é um artigo sobre migrações, sobre situações de refúgio e sobre infâncias. É, sobretudo, uma escrita para contar do nosso encontro com as infâncias migrantes através da literatura, com vidas que, de repente, mudaram para sempre: “Todos os dias coisas ruins aconteciam à nossa volta e, em pouco tempo, não havia mais nada além do caos” (Francesca Sanna, 2016, não paginado). Não foi fácil encontrá-las, há um silêncio em torno delas, como se infâncias migrantes não existissem e, portanto, a literatura não precisasse se ocupar delas. Porém, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) estima que são um grupo de cerca de 30 milhões de crianças em situação de deslocamento forçado – o maior número desde a Segunda Guerra Mundial.¹ Invisíveis, passadas quase despercebidas entre os adultos e as grandes discussões internacionais a respeito das migrações contemporâneas, estão 30 milhões de crianças. “Não estão percebendo? Eles não nos veem, nem nos escutam. Para eles, nós não estamos aqui; julgam-se sozinhos no meio do oceano. Não existimos! Amigos, em algum momento da nossa travessia nós deixamos de existir” (Mario Vargas Llosa, 2016, p. 68).

Em entrevista a Claude Pernet, conhecida como o Abecedário,² Gilles Deleuze afirma que o que há de comum entre a grande filosofia e a grande literatura é que ambas testemunham a vida, no limite do suportável e do pensável. O filósofo aponta para uma oposição intransponível entre a linguística e a literatura, na medida em que a primeira postula a língua enquanto um sistema de equilíbrio, e a segunda, no exercício de escrever, percebe a língua

¹ UNICEF. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/unicef-cerca-de-30-milhoes-de-criancas-estao-deslocadas-por-conflitos-precisam-de-protacao/>

² Entrevista disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2019/08/04/abecedario-gilles-deleuze-legendado/>

enquanto um sistema em perpétuo desequilíbrio.

Michel Foucault (2016a) aponta para as formas pelas quais a experiência literária faz notar o avesso da língua: “a linguagem, não é verdade que ela se aplique às coisas para traduzi-las; as coisas é que são, pelo contrário, contidas e envolvidas na linguagem como um tesouro afogado e silencioso no tumulto do mar” (p. 57). As palavras criam, inventam o verdadeiro e o fantástico, em sua arbitrariedade. As palavras não têm necessidade de natureza, elas forjam os objetos, as sensações, os sujeitos, as histórias e, mesmo, tudo aquilo que parece tão anterior à própria linguagem. Assim, há a linguagem, o sistema da língua, em primeiro lugar. Há, depois, a obra, que imobiliza a linguagem e constitui um espaço específico para ela própria. E, em um terceiro termo, há a literatura, pela qual passam as relações da linguagem com a obra e vice-versa. Dessa forma, a literatura não é feita daquilo que não deve ser dito, ao contrário, a literatura é feita de uma fábula: “de alguma coisa que deve e pode ser dita, mas essa fábula é dita numa linguagem que é ausência, que é assassinato, que é desdobramento, que é simulacro” (Michel Foucault, 2016a, p. 81).

Com isso em mente, iniciamos nossa reflexão sobre as infâncias migrantes inscritas na literatura – tomado, para tanto, a literatura, as migrações, as situações de refúgio e as infâncias enquanto acontecimentos, que inscrevem a infância como alteridade, que escapam das explicações absolutas dos estados das coisas, e que se agitam em linguagem, de forma que as circunstâncias do seu aparecimento e dos seus efeitos se confundem, preenchem e abrem vazios, desvios e intensidades (Gilles Deleuze, 1997). Assim, escrevemos com as infâncias migrantes, assumindo, nesta escrita, a palavra infância tanto como uma referência às crianças quanto como uma referência aos começos, às aberturas e à possibilidade de inaugurar outros modos de pensar. Infâncias migrantes encontradas em fragmentos literários e em notícias fragmentadas,

uma composição para pensar a vida – no limite do suportável e do pensável.

Infâncias, migrações e refúgio

Junho de 2019: são divulgadas imagens sobre as jaulas nas quais são mantidas as crianças migrantes que chegam aos Estados Unidos da América (EUA) de forma ilegal.³ O Relatório da Organização das Nações Unidas (ONU, 2019) divulga que, entre 2014 e 2018, cerca de 1,6 mil crianças migrantes morreram ou foram dadas como desaparecidas, assinalando ainda que o número real é, provavelmente, bem maior, devido à subnotificação.⁴ Agosto de 2019: manchetes dos jornais anunciam que, no último ano, nos EUA, mais de 900 crianças migrantes foram separadas de seus pais.⁵ No mesmo período: o governo de Donald Trump anuncia medidas para reter as crianças migrantes por tempo indefinido.⁶ Em 2015, a foto de uma criança comovia o mundo: o menino sírio, afogado durante a travessia para chegar à Europa e cujo corpo foi encontrado numa praia da Turquia, tornou-se, segundo o Washington Post, *o mais trágico símbolo da crise de refugiados do Mediterrâneo*.⁷ A ONU, em 2018, alertava que metade dos refugiados são crianças e que uma em cada 80 crianças do mundo está em deslocamento forçado. A agência ressalta que entre as crianças migrantes, cerca de 173,8 mil estão desacompanhadas e separadas de seus responsáveis, sendo que este grupo está entre os mais vulneráveis, correndo maior risco de exploração e abuso. Dados noticiados em 2019⁸ indicam que, apenas nos EUA, mais de 100 mil crianças estão retidas pelo controle da imigração

³ Notícia disponível em <https://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-44528183>

⁴ Notícia disponível em <https://nacoesunidas.org/uma-crianca-migrante-morre-ou-desaparece-todos-os-dias-no-mundo-diz-relatorio-da-onu/>

⁵ Notícia disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/31/internacional/1564527127_506106.html

⁶ Notícia disponível em <https://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-49427054>

⁷ Notícia disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html>

⁸ Notícia disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/11/18/mais-de-100-mil-criancas-estao-retidas-pela-imigracao-dos-estados-unidos-diz-estudo-da-onu.ghtml>

do país e que, em todo o mundo, pelo menos 330 mil crianças estão detidas por razões relacionadas à migração.

Conforme dados do relatório da International Organization for Migration (IOM, 2018), os motivos de migração das crianças são variados, não havendo um determinante único, sendo que a maioria das crianças não são refugiadas ou requerentes de asilo por estarem fugindo de violência ou sofrendo perseguições. Os motivos das migrações também estão relacionados à busca por melhores perspectivas e condições de vida, entre outros. O relatório também aponta que nem sempre as crianças não têm decisão sobre a migração, sendo que, especialmente os adolescentes (e principalmente nos casos em que os motivos se relacionam à busca de melhores oportunidades econômicas ou educacionais), podem ter mais agência na tomada de decisões do que as crianças menores.

A International Organization for Migration (IOM) mapeia as mortes dos migrantes em suas rotas de fuga/esperança. Os dados relativos ao período de 01 de janeiro a 22 de agosto de 2019 mostram 859 mortes somente na região do Mediterrâneo. Porém, as mortes dos migrantes espalham-se pelo globo: nas Américas, são 488 registros. Ao percorrermos o mapa disponibilizado pela organização, encontramos, entre os pontos marcados, algumas referências a crianças⁹:

- Região do Mediterrâneo: 10/01/19 (02 crianças, país de origem Sudão, presumido afogamento); 14/01/19 (01 criança, país de origem Iraque, causa da morte desconhecida); 21/01/19 (01 criança, país de origem desconhecido, morreu no hospital, na Líbia, após o

⁹ Dados disponíveis em:
https://www.google.com/search?q=IOM&rlz=1C1GCEA_enBR799BR799&oq=IOM&aqs=chrome..69i57j0l3j69i60l2.940j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8

desembarque); 06/02/19 (01 criança, país de origem Argélia, presumido afogamento); 13/02/19 (01 criança, país de origem Afeganistão, presumido afogamento); 07/03/19 (02 crianças, país de origem Afeganistão, afogamento); 14/03/19 (01 criança, país de origem desconhecido, afogamento); 26/3/19 (01 criança, país de origem Afeganistão, presumido afogamento); 03/05/19 (5 crianças, país de origem Afeganistão, afogamento); 02/06/19 (01 criança, país de origem desconhecido, afogamento); 05/8/19 (01 criança, país de origem Costa do Marfim, presumido afogamento).

- Região das Américas: 24/01/19 (01 criança, país de origem Guatemala, acidente de veículo); 07/04/19 (01 criança, país de origem Guatemala, queda de trem); 14/05/19 (01 criança, país de origem Guatemala, doença e falta de acesso a medicamentos. Pneumonia. Entrou nos EUA via El Paso, Texas, onde foi imediatamente hospitalizada. Morreu aproximadamente um mês depois no hospital); 16/5/19 (02 crianças, país de origem Venezuela, presumido afogamento); 21/05/19 (01 criança, país de origem México, hipertermia e desidratação presumida); 14/06/19 (01 criança, país de origem El Salvador, tiro); 01/07/19 (01 criança, país de origem Haiti, presumido afogamento); 20/08/19 (01 criança, país de origem desconhecido, presumido afogamento). Nos pontos marcados na região do deserto do Arizona, EUA, uma das anotações comuns é *restos de esqueletos*, sem outras referências (sexo, faixa etária...).

Importante ressaltar que os números que aparecem, na maior parte das vezes, são os das crianças refugiadas, que se enquadram em legislações e ações governamentais e das organizações internacionais de modo mais “controlado”. Muitas são as crianças migrantes que não se enquadram em situação de refúgio, o que nos alerta, por exemplo, a olhar ainda com mais cuidado as notícias e dados que encontramos. Um exemplo é que, quando acessamos relatórios de agências internacionais, como a ONU, chamam atenção as muitas imagens veiculadas de

crianças, porém os dados encontrados nos relatórios não são delas. Ao acessarmos os portais¹⁰ e as notícias da ONU, saúde e educação são os assuntos condutores. Vacinas, matrículas em escolas, acesso à saúde... essas são as pautas. Importante destacar que mesmo quando falam nas crianças separadas de seus pais na fronteira, o foco de discussão é o *efeito na saúde*. Ou, ainda, os transtornos pós-traumáticos do processo migratório (Alice Brunnet, 2016).

Fragmentadas, com poucos dados e muitos números, as notícias contam de mortes. São desfechos sombrios de histórias sem nome e sem enredo, que parecem dizer da impossibilidade de um outro modo, de uma outra possibilidade de existência. Não parece fácil sobreviver a alguns tipos de migração, como o menino Emanuel, personagem de *O cometa é um sol que não deu certo*, que não recorda como se salvou, mas que, da janela do abrigo temporário para refugiados, lembra dos meninos que não tiveram a sua sorte:

Dali, olhando para o céu (sempre o céu) e vendo a noite passar, ele também espera pelos amigos do campo de refugiados enquanto sonha com um mundo melhor do que este. Um mundo onde as crianças não precisem se preocupar com nada além dos estudos e em crescer para se tornarem adultos melhores que seus pais. (Tadeu Sarmento, 2017, p. 113)

Há, no entanto, algumas histórias com tristes desfechos e que à literatura cabe recontar para que possamos produzir outros modos de (re)existir. É o caso do menino Alan Kurdi, refugiado sírio que se afogou no mar Mediterrâneo, ao tentar chegar com segurança à Europa. Khaled Hosseini (2018) cria o personagem Marwan para relembrar Alan, no livro *A memória do mar*. O pai de Marwan conta sobre os arredores de Homs, lembrando de sua infância, na casa da

¹⁰ Apontamos, como exemplos, três notícias: (1) <https://news.un.org/en/story/2018/11/1026151>; (2) <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/cada-ano-mais-de-20-milhoes-de-criancas-em-todo-o-mundo-nao-recebem-vacinas>; (3) <https://news.un.org/en/story/2018/10/1023712>

fazenda de seu pai – avô de Marwan – e falando a Marwan que

Quem dera você não fosse tão novinho. Você não teria esquecido da casa de fazenda, da fuligem em suas paredes de pedra, do riacho onde seus tios e eu construímos mil represas de meninos [...] Quem dera você lembrasse das ruas lotadas cheirando a quibe frito e das caminhadas noturnas que fazíamos com sua mãe em volta da Praça da Torre do Relógio. (Khaled Hosseini, 2018, não paginado)

O que Marwan conhece são "os céus que cuspiam bombas. Fome. Enterros" (Khaled Hosseini, 2018, não paginado). São cenários e experiências de infâncias em meio à fuga e à esperança de refúgio. Ou, antes dele, tentativas de ser criança na potência que a infância produz: "você sabe que a cratera feita por uma bomba pode virar uma piscininha" (não paginado). No entanto, "você aprendeu que o sangue escuro é melhor sinal que o sangue que ainda brilha" (não paginado).

Com isto, nos parece urgente falar desses diferentes tipos de migração. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) adverte que, embora comumente os termos migrantes e refugiados sejam utilizados como sinônimos, o refúgio se refere a uma situação específica e que requer proteção do direito internacional. Dessa maneira, são consideradas refugiadas aquelas pessoas que necessitaram sair de seus países de origem devido à perseguição, conflito, violência ou outra circunstância que as coloque em perigo (ONU, 2016).

Sendo, portanto, uma situação específica e que necessita de um reconhecimento formal, o termo refugiado se aplica a uma parcela bem menor do contingente de migrantes. Entretanto, mesmo tendo clareza das distinções feitas pelos organismos internacionais, perguntamos como a menina do romance *Arquivo das Crianças Perdidas*: "o que significa *refugiadas*, Mamã?"

(Valéria Luiselli, 2019, p. 59).

Procuro possíveis respostas para lhe dar. Suponho que alguém que esteja fugindo ainda não seja um refugiado. Um refugiado é alguém que já chegou a algum lugar, a uma terra estrangeira, mas deve esperar por um tempo indefinido antes de chegar de verdade e por completo. Refugiados esperam em centros de detenção, abrigos ou acampamentos; em custódia federal e sob o olhar fixo de agentes armados. Em longas filas, esperam pelo almoço, por uma cama onde dormir, esperam com as mãos levantadas para perguntar se podem usar o banheiro. Esperam para ser libertados, esperam por um telefonema, por alguém que assuma a responsabilidade por eles ou vá buscá-los. E há os refugiados que têm a sorte de finalmente se reunir com suas famílias, vivendo em um novo lar. Mas mesmo estes ainda esperam. Esperam a notificação para comparecer ao tribunal, esperam por uma decisão judicial, seja de deportação ou de asilo, esperam para saber onde vão viver e sob quais condições. Esperam por uma vaga em uma escola, por uma vaga de emprego, por um médico para atendê-los. Esperam por vistos, documentos, permissão. Esperam por uma deixa, por instruções, e depois esperam mais um pouco. Eles esperam que sua dignidade seja restaurada. (Valéria Luiselli, 2019, p. 59)

Um refugiado como alguém que espera... Porém, mesmo imersa nesses pensamentos, a mãe simplesmente responde à menina: “um refugiado é alguém que precisa encontrar um novo lar” (Valéria Luiselli, 2019, p. 59). Alguém que espera... A etimologia das palavras esperar e esperança é a mesma: ambas derivam do latim *spes*, que significa confiança em algo positivo.¹¹ Rubem Alves (1999) destaca que esperança e otimismo são coisas opostas. Ele diz:

¹¹ Conferir em <https://origemdapalavra.com.br/palavras/esperanca/>

Otimismo é quando, sendo primavera do lado de fora, nasce a primavera do lado de dentro. Esperança é quando, sendo seca absoluta do lado de fora, continuam as fontes a borbulhar dentro do coração. ... O otimismo se alimenta de grandes coisas. Sem elas, ele morre. A esperança se alimenta de pequenas coisas. Nas pequenas coisas ela floresce. Basta-lhe um morango à beira do abismo. (p. 159-60)

E a resposta que a mãe dá à menina fala de uma urgência: um refugiado é alguém que *precisa* encontrar um novo lar... Refugiados, assim, esperam, têm esperança, mas também precisam: necessitam esperar, necessitam ter esperança... "Todos nós ansiosos pelo nascer do sol, todos nós com medo desse mesmo momento. Todos nós à procura de um lar" (Khaled Hosseini, 2018, não paginado). De algum modo, podemos pensar que é a esperança que os move, que os lançam em travessias longas e perigosas, por mares ou mesmo desertos, a cruzarem fronteiras fortemente vigiadas, arriscarem-se a ser presos, violentados ou mortos, ao fim das quais esperam encontrar um novo lar, um lugar de proteção. Talvez, a esperança de serem como os pássaros, tal como a menina do livro *A viagem* que, do trem, os via voando livremente:

eram migrantes como nós. E a viagem deles era tão longa quanto a nossa. Só que os pássaros podiam cruzar qualquer fronteira. Espero, um dia, como esses pássaros que consigamos encontrar um novo lar. Um lar onde possamos ficar seguros e recomeçar a nossa história. (Francesca Sanna, 2016, não paginado)

Uma travessia que parece infinita, como um velho contador de histórias narrou a um menino interessado em conhecer *O barco das crianças*. Ele explicou que num determinado momento de sua travessia eles perceberam: "aquele barco iria ser o nosso lar, a nossa pátria, sabe-se lá por quanto tempo. Talvez por toda a eternidade" (Mario Vargas Llosa, 2016, p. 78).

Ou como a personagem menina, de *Para onde vamos*, que viaja com o pai e conta: “Eu também durmo quando estamos viajando. E sonho que continuo a viajar e a viajar e que nunca mais vou parar. ... Para onde vamos agora? Eu volto a perguntar, mas ninguém me responde” (Jairo Buitrago, 2016, não paginado).

As histórias vão se fazendo fundamentais, como se as próprias narrativas garantissem a esperança e a sobrevivência. A mesma menina que via os pássaros do trem, também atravessou o oceano em um bote que “era muito apertado”, mas cujos ocupantes encontraram uma estratégia: “contávamos histórias uns aos outros”, e quando o bote chacoalhava e o mar parecia sem fim “Contávamos novas histórias. Histórias sobre a terra que nos esperava, onde havia imensas florestas verdejantes, cheias de fadas gentis que dançavam e nos brindavam com palavras mágicas para acabar com a guerra” (Francesca Sanna, 2016, não paginado).

Um jeito de colorir a realidade e passar pelas situações difíceis à maneira das crianças. Emanuel, o menino que sobreviveu ao campo de refugiados, ensina que as crianças têm um modo próprio de lidar com as adversidades: “Poder se alimentar animou todo mundo. Foi só passar a noite fingindo que ninguém estava com fome para a comida aparecer no dia seguinte. É assim que as crianças passam a perna nessas coisas” (Tadeu Sarmento, 2017, p. 35). As dificuldades são de todas as ordens e passam pela saída, pelo percurso e pela chegada em um novo espaço, como o pai de Marwan nos aponta: “Ouvi dizer que somos indesejados. Que não somos bem-vindos. Que deveríamos levar nosso infortúnio à outra parte” (Khaled Hosseini, 2018, não paginado). Entretanto, embora não seja fácil estar em um campo de refugiados, “pois ou as pessoas estão tristes, ou com fome, ou com medo (ou as três coisas juntas!)” (Tadeu Sarmento, 2017, p. 9), Emanuel conta de uma possibilidade, da potência que emerge no encontro: “Pois ali, no campo de refugiados, eles aprenderam, aos poucos e da maneira mais

dura, que as diferenças se transformam em afinidades quando todos estão no mesmo barco e lutando contra um inimigo comum: a estupidez humana” (Tadeu Sarmento, 2017, p. 89).

O tempo da infância. O tempo de muitas experiências. O tempo *aión*, como nos propõe Walter Kohan (2019). Talvez, o tempo que permite que as experiências da migração tornem-se menos dolorosas: “a intensidade do tempo na vida humana, um destino, uma duração, um estado de intensidade não numerado” (p. 13). Colocar infâncias, migrações e refúgio em conexão é, talvez, colocar “[a] criança como possibilidade de ruptura com o mundo já existente. Capaz de criar novas possibilidades, novas estéticas de existência” (Gabriela Tebet, 2019, p. 138).

(Re)Existências literárias

A literatura entra em cena no nosso jogo. O encontro entre migrações, refúgio, infâncias e literatura parece apontar para a construção de um sentido sobre a dinâmica do refúgio, associado à noção de crise humanitária e migratória: uma crise que é de todos, que não tem um lugar específico, nem uma língua, uma cor ou um traço característico. Como ser resistência? Emanuel nos dá uma possibilidade:

Foi então que percebi que nada nem ninguém pode separar as pessoas das coisas que elas mais amam. Pois o que mais amamos nós levamos para sempre, não importa por quanto tempo ou a que distância. ‘O que mais amamos é nossa herança’, pensou Emanuel. ‘Fica em nosso coração e de vez em quando dá essas pontadas. É uma parte importante daquilo que temos de melhor, daquilo que nos faz querer melhorar com a gente e com os outros’. (Tadeu Sarmento, 2017, p. 90)

A literatura faz parte do grande sistema de controle, através do qual obrigamos o cotidiano a se pôr em discurso. Mas ao assumir o lugar de enunciar os não ditos, o obscuro e a não-verdade, a literatura também ultrapassa limites, desloca códigos e arranjos, abre caminhos

para a transgressão e a revolta. A liberdade dos modelos culturais que se sustentam na diferença, é a garantia da sobrevivência da humanidade que se define pela hospitalidade, não enquanto uma forma de justaposição, que coloca um modelo em domínio sobre outro, mas uma hospitalidade que faz multiplicar modelos, lógicas e liberdades: “A humanidade, para a qual procurava a definição, é talvez um interminável processo de complexificação” (Júlia Kristeva, 2017, p. 88).

Ao falar sobre experiências de liberdade, a autora define por literatura “àquilo que dá testemunho da experiência” (p. 65), e insiste em uma espécie de parentesco entre o estrangeiro e o escritor, como aqueles que se reúnem numa experiência de tradução comum e, sempre, singular. Assim, escrever seria a todo instante “estrangeirar-se a si mesmo e fazer-se continuamente passador deste ser estrangeiro reencontrado” (p. 68). Escrever, estrangeirar-se, testemunhar a experiência – todas possibilidades da literatura, por meio da hospitalidade, enquanto a capacidade dos seres humanos em oferecer residência aos que não a tem, beirando o sinônimo de humanidade. Assim, ela define hospitalidade como um *ethos* humano, possível no ato e em literatura.

Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992), ao tratarem da obra de arte, assinalam que “é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos” (p. 213), entendendo que perceptos não se confundem com percepções e afectos não são sentimentos ou afecções, visto que perceptos e afectos são independentes daqueles que os experimentam, constituindo-se como seres que excedem qualquer vivido. “A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si” (p. 213). Dessa maneira, para os autores, a arte tem como objetivo a extração de um bloco de sensações, arrancando o percepto das percepções do objeto e o afecto das afecções. Nesse sentido, a literatura, como obra de arte, é um bloco de sensações, que não parte da

memória, mas da fabulação: não se escreve, portanto, o que foi vivido, mas “como jamais foi vivido, como não é nem será vivido” (p. 218). A partir da literatura, excede-se a percepção e a afecção do que foi vivido, operando-se como devir: “não estamos no mundo, tornamo-nos com o mundo, nós nos tornamos, contemplando-o” (p. 220). A arte possibilita, assim, liberar a vida.

A literatura se engaja ao regime de poder que incita, suscita, produz, faz falar e agir, entrelaçando as relações do discurso, da vida cotidiana e da verdade. Diferente do fantástico que funciona entre o verdadeiro e o falso, a literatura assume a não-verdade, exercendo-se explicitamente como artifício, mas produzindo efeitos de verdade. Constituindo-se enquanto uma das estratégias do verdadeiro, na economia de poder, a literatura integra o sistema de incitação que coloca o cotidiano em discurso (Michel Foucault, 2003). No caso da discussão aqui proposta, coloca as infâncias migrantes em discurso.

As crianças migrantes fogem e esperam:

Ninguém olha para o mapa mais amplo, histórico e geográfico das rotas de migração de uma população de refugiados. Em sua maioria as pessoas pensam em refugiados e migrantes como um problema estrangeiro. ... Ninguém pensa nas crianças que aqui chegam agora como refugiadas de uma guerra hemisférica que se estende, pelo menos, destas mesmas montanhas, atravessando o país até os desertos do sul dos Estados Unidos e do norte do México, assolando as serras, matas e florestas tropicais meridionais até penetrar a Guatemala, El Salvador e todo o caminho até as montanhas de Celaque, em Honduras. Ninguém pensa nessas crianças como consequência de uma guerra histórica que remonta a décadas. Todos ficam perguntando: que guerra, onde? Por que elas estão aqui? Por que vieram para os Estados Unidos? O que faremos com elas? Ninguém pergunta: por que fugiram de casa?. (Valéria Luiselli, 2019, p. 61-3)

À maneira de Rubem Alves, elas se agarram aos morangos na beira do abismo. E se descobrem cometas:

- Quer dizer que todo mundo vai ficar bem? Não ficaremos presos aqui para sempre?
- Não, vocês não ficarão presos.
- Por que somos cometas viajando no espaço, procurando um lugar para ser feliz?
- Isso mesmo!
- Mas a que horas o cometa vai passar?
- Ainda não sei, pode ser a qualquer momento. (Tadeu Sarmento, 2017, p. 97-8)

A arte? A arte é sensível e dura. Insuportável, às vezes. Potente, sempre. A estética educa e, assim, educa também para a alteridade. A arte é experiência que abre possibilidades, mundos, traz a diferença, o estranho e o plural. A arte gere no detalhe, governa com sutileza, causa espanto, lágrimas e gargalhadas, desejo e repulsa – um infinito de efeitos para os quais não há controle. A arte dói.

Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992) pontuam que “o artista sempre acrescenta novas variedades ao mundo” (p. 227), torcendo a linguagem e fazendo-a gaguejar, criando um povo que ainda não existe, um povo por vir. Ao criar afectos, o artista não cria somente sua obra, mas nos transforma, nos apanhando em um vasto plano de composição. A arte dói. E escrever é arte: “Entre prazer de escrever e possibilidade de falar, existe certa relação de incompatibilidade. Ali onde não é mais possível falar, descobre-se o encanto secreto, difícil, um pouco perigoso de escrever” (Michel Foucault, 2016b, p. 39). Nesse sentido, a literatura vai se constituindo como uma grande política, como ética discursiva, como produtora de modos de ser e tem com isso as suas próprias condições de existência, embora não se reduza aos arranjos de verdade e poder.

Algumas considerações

Não temos a impressão, a necessidade ou a intenção de nesta escrita esgotar a língua, de produzir Respostas, Verdades, Pontos Fixos. Esgotar a língua é impossível, ela sempre flexiona, parte e produz outros. A língua é infinita. É com ela que a menina de Eloísa e os *bichos* transforma o desfecho da sua história: “Pouco a pouco, começamos a nos sentir em casa, mas nunca nos esquecemos de tudo o que deixamos para trás. Eu sei que não nasci aqui... mas foi nesse lugar que aprendi a viver” (Jairo Buitrago, 2013, não paginado).

Lembramos, ainda, que a infância não afirma uma única etapa ou momento de vida. Desejamos, assim, que encontros possam acolher a infância como acontecimento, desvinculando-a da noção de idade. As infâncias migrantes questionam as fronteiras e fazem vibrar a diferença como potência.

- Estamos chegando mesmo ao final da história, moço?
- Pois é, estamos sim. Mas não se preocupe. A vida e, principalmente, os livros estão cheios de histórias maravilhosas. Você pode lê-las e se forem bem contadas, é exatamente como se as vivesse. (Mario Vargas Llosa, 2016, p. 83)

Se, por um lado, ao nos depararmos com as crianças migrantes e as estatísticas cruéis que dizem de seus caminhos e de suas tragédias, é talvez na potência do encontro entre a literatura e a infância que vislumbramos produzir experiências de migrações e refúgios que acolham as múltiplas dimensões que se colocam. Assim, como traz Gilles Deleuze (2016), a obra de arte – no caso, a literatura – não é um instrumento de comunicação, não pretende ser informação ou mesmo contrainformação: a arte é ato de resistência. E, sendo ato de resistência, é apenas através dele que se resiste à morte e ao intolerável, apelando para um povo por vir.

Referências

- Alves, R. (1999). *Concerto para corpo e alma*. (2^a ed.). Speculum.
- Buitrago, J. (2013). *Eloísa e os bichos*. (M. Leite, Trad.). Pulo do Gato.
- Buitrago, J. (2016). *Para onde vamos*. (M. Leite, Trad.). Pulo do Gato.
- Brunnet, A. E. (2016). *Prevalência e fatores associados a sintomas de estresse pós-traumático, depressão e ansiedade em imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul*. [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. Repositório Institucional da PUCRS. <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/9014>
- Deleuze, G. (1997). *Crítica e Clínica*. (P. P. Pelbart, Trad.). Editora 34.
- Deleuze, G. (2016). *Dois regimes de loucos: Textos e entrevistas (1975-1995)*. Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1992). *O que é a filosofia?* Editora 34.
- Foucault, M. (2016a). *O belo perigo*. (F. Scheibe, Trad.). Autêntica.
- Foucault, M. (2016b). *A grande estrangeira: Sobre literatura*. (F. Scheibe, Trad.). Autêntica.
- Foucault, M. (2003). A vida dos homens infames. In M. Foucault. *Ditos e Escritos IV: Estratégia, poder-saber* (pp. 203-222). Forense Universitária.
- International Organization for Migration (2018). *World Migration Report 2018*. International Organization for Migration.
- https://www.iom.int/sites/g/files/tmzbdl486/files/country/docs/china/r5_world_migration_report_2018_en.pdf
- Khaled, H. (2018). *A memória do mar*. (P. Bial, Trad.). Globo Livros.
- Kohan, W. (2019). O devolver (o tempo d)a infância à escola. In A. Abramowicz, & G. G. C. Tebet (Orgs.), *Infância & Pós-estruturalismo* (2 ed. rev., pp. 11-14). Pedro & João Editores.

Kristeva, J. (2017). *O futuro de uma revolta*. (J. Domingues, & M. de J. Cabral, Trad.). De Facto

Editora.

Llosa, M. V. (2016). *O barco das crianças*. (P. Wacht, & Ari Roitman, Trad.). Alfaguara.

Organização das Nações Unidas (2016, 4 de Maio). *Qual a diferença entre 'refugiados' e 'migrantes'*? <https://brasil.un.org/pt-br/72927-qual-diferen%C3%A7a-entre-refugiados-e-migrantes>

Organização das Nações Unidas (2018, 16 de Outubro). *5 fatos sobre crianças refugiadas*.

<https://brasil.un.org/pt-br/81322-onu-5-fatos-sobre-crian%C3%A7as-refugiadas>

Sanna, F. (2016). *A viagem*. (F. Valério, Trad.). Vergara & Riba Editoras.

Sarmento, T. (2017). *O cometa é um sol que não deu certo*. Edições SM.

Tebet, G. (2019). Desemaranhar as linhas da infância: elementos para uma cartografia. In A. Abramowicz, & G. G. C. Tebet (Orgs.), *Infância & Pós-estruturalismo* (2^a ed. rev., pp. 133-51). Pedro & João Editores.